



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

SILVIO DREBES

(depoimento)

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-541

Entrevistado: Silvio Drebes, ex-atleta, ex-professor da UFRGS da Faculdade de Medicina e Médico Clínico Pediatra e Neonatologista.

Participação: Sandra Ungaretti Stechman, esposa, psicóloga clínica.

Nascimento: 23/09/1938 em Arroio da Seca, Estrela.

Local da entrevista: Residência dos Entrevistados

Entrevistadora: Christiane Garcia Macedo

Data da entrevista: 25/03/2015

Transcrição: Leila Carneiro Mattos

Copidesque: Ayllu Duarte Acosta

Pesquisa: Ayllu Duarte Acosta

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 1 hora, 53 minutos e 58 segundos.

Páginas Digitadas: 14 páginas

Observações:

O entrevistado realizou várias alterações após a leitura da entrevista transcrita incluindo a inserção de imagens.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Inserção no esporte; Vida esportiva de Porto Alegre na década de 1950 a 1960; Departamento de Atletismo no Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense; Campeonatos; Carreira como Atleta; Aposentadoria precoce no esporte; Dedicção à carreira de Médico; Benefícios do esporte para a vida.

Porto Alegre, 25 de março de 2015. Entrevista com Silvio Drebes, com participação de Sandra Ungaretti Stechman sua esposa, a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Eu gostaria que o senhor começasse contando como foi a sua inserção no esporte e qual foi a sua motivação?

S.D. – Aos dezesseis anos, em 1955, quando vim morar em Porto Alegre foi que tudo começou. Morava com a minha família no interior do Estado em Crissiumal, colônia basicamente alemã, até completar dez anos. Não havia continuidade de estudos ali, e então fui para um internato em Panambi, onde fiquei por pouco mais de cinco anos cursando o Ginásio. Depois vim para Porto Alegre cursar o segundo grau e a Faculdade. A cidade grande me assustou. Precisava encontrar uma maneira de superar a distância de casa, da família, dos amigos e colegas. Encontrei no esporte a possibilidade de adaptação. Morava perto do Parque Farroupilha¹, onde há uma pista de atletismo até hoje (cujo piso era um triste e sujo areião), e quando não chovia, tínhamos uma hora de exercícios físicos coordenados pelo professor de Educação Física do Colégio Estadual Júlio de Castilhos. Passei a ir também por conta própria com frequência. Logo, também comecei a treinar basquete à noite. Era um esporte que já praticava em Panambi. Lá também havia uma pista de atletismo. Fui convidado para jogar basquete na Juventude Esportiva (JE), que era um grupo formado de estudantes de idades variáveis. Guardo na memória a camiseta branca com listras verticais verdes. Treinávamos em uma cancha de basquete situada no Colégio Concórdia, na Rua Lucas de Oliveira e na Praça Florida ao longo da Avenida Farrapos. Naquele tempo as distâncias pareciam maiores. Para chegar, eu ia de bonde pela Avenida Independência até 24 de outubro e subia a pé a lomba da Lucas. Jogava basquete aos sábados com jovens com o mesmo interesse pelo esporte. Encontrava pessoas jogando e íamos até o escurecer, então voltava para a casa, onde alugava um quarto na Rua Tomás Flores. Na Praça Florida eu treinava à noite. Levava uma sacola, largava do lado da cancha, treinava e depois ia para casa. Os jogos pelo Campeonato Gaúcho que participei como juvenil aconteciam no Ginásio da SOGIPA², antes situado à Rua Alberto Bins, hoje com sede na Avenida Dom Pedro, que era considerada a Sede Campestre na época.

¹ Parque na cidade de Porto Alegre, RS.

² Sociedade de Ginástica Porto Alegre.

A posição que preferia jogar era a ala esquerda. Lembro que gostava dos lances de três pontos. Ocorre que este grupo de basquete era pequeno e não havia reposição de atleta. Por isso perdíamos quase sempre, pois faltava um ou dois bons jogadores. Então abandonei o basquete depois de um ano e pouco. Foi quando me interessei pelo Remo.

Conversando com amigos colegas do Colégio fui para o Clube Náutico União, na Ilha do Pavão. Lá fiz poucos treinos, se tornava inviável pela distância, dificuldade de acesso ao Caís do Porto de onde tínhamos de sair às seis horas da manhã, sem falar que no inverno era noite ainda. Tinha que acordar de madrugada. Só para chegar ao Porto de onde partia, eu precisava levantar as quatro e trinta, pegar o bonde na Rua José do Patrocínio que vinha da Glória ou do Menino Deus, e ir ao centro. Nesta época eu morava na Rua Sarmiento Leite. O barco com o qual treinávamos era o “quatro com”. Usávamos o Guaíba como raia e retornávamos para casa às oito, e eu precisava estudar. Ficava exausto. O meu objetivo principal era estudar e passar no vestibular de medicina. Era o que os meus pais esperavam de mim.

O esporte teve uma importância enorme na minha vida neste período, pois me dava o equilíbrio necessário para o corpo e a mente, também ajudava na disciplina tanto nos treinos como nos estudos, o que me levou a passar no vestibular de medicina. Referi o basquete, o remo e o atletismo, mas teve também o futebol ainda na minha terra, Crissiumal. Nas férias escolares eu jogava como juvenil no Tupi Futebol Clube, que ainda existe, e atualmente faz parte do Calendário esportivo do nosso Estado. Transitei por vários esportes, inclusive a natação, ainda em Panambi. Aos poucos defini seguir com o Atletismo, pois dependia somente do meu esforço pessoal e não do resultado de equipe, muitas vezes desfalcada.

C.M. – Como foi a sua inserção no Atletismo?

S.D. – Fui ao Estádio dos Eucaliptos do Sport Club Internacional, o clube mais popular na época. Havia lá uma pista de treinamento muito rudimentar. O Beira-Rio ainda não existia. Fui algumas vezes treinar, lembro que o treinador era o Dario Tavares. Foi simpático comigo, no entanto, a preocupação dele era com o grupo de atletas que já existia. Fui com o meu fardamento de ginástica e treinei solto, sem orientação, realizando inúmeras voltas na pista simples como fazia no Parque Farroupilha. Depois de três ou quatro treinos senti que o clube não investia em principiantes no Atletismo, não fornecia nem ao menos material para

a melhora das condições de treino. No mesmo período reencontrei um amigo de Panambi, o Karl Heinz Kopitke e outros mais, que já eram do atletismo do Grêmio Futebol Clube. Contaram como o clube estava à frente no Atletismo, eram orientados pelo técnico Alexandre Davis e recebiam material esportivo. A pista atlética era muito boa no Estádio Olímpico. Então, não tive dúvidas, e fui para lá.

S.S. – Penso que no esporte o Silvio conseguiu forças para permanecer em Porto Alegre, criar vínculos, fazer amigos, manter a disciplina, transportar isto para os estudos, pois foi muito difícil sair de casa aos dez anos, ir para um colégio interno, concluir o ginásio e aos dezesseis anos vir para a cidade grande, com sotaque de colono, sofrendo o que hoje é chamado de bulling, mas que na época a gente tinha que aparar no peito e se fazer forte. Acredito que tudo isso o Silvio encontrou no esporte, o esporte deu um caminho para o Silvio, teve uma função adaptativa na cidade grande e de sobrevivência até, porque as pessoas criticavam a linguagem diferente, os modos do sujeito do interior. Naquela época isto era mais forte. Então, aquela coisa de sobrevivência, o “correr”, teve uma importância do ponto de vista de aguentar o “tirão”. Como o Silvio veio para estudar, o pai disse numa carta: “Tu estás aí para estudar.”.

S.D. – Meus pais não davam a mínima importância para o esporte. O pai nem tocou no assunto comigo. Jamais viram sequer uma medalha minha ou alguma reportagem no jornal da época Folha da Tarde Esportiva, que era do Correio do Povo. Investir no esporte foi uma decisão pessoal.

C.M. – Como foi conciliar o esporte com a vida acadêmica?

S.D. – Por um tempo consegui manter os dois. Eu já cursava o terceiro ano da Faculdade de Medicina da UFRGS³, quando tive que optar. Não conseguia mais conciliar as duas atividades de forma a me sair bem nas duas. O esporte me exigia viagens com competições nacionais e Internacionais. Então eu avaliei o risco de acumular faltas nas aulas, e o pior, criar lacunas no aprendizado. Então, depois de cinco anos e pouco, com muito pesar abandonei o Atletismo e segui na Faculdade de Medicina. Na época foi a notícia da saída foi

³ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

badalada, saiu até no jornal Folha Esportiva. “Lamentável, o atleta Silvio Drebes vai abandonar o esporte, base do qual foi um cultor dedicado, em alguns anos vêm conseguindo bons triunfos. Não queria o estimado atleta continuar nessa temporada, mas rendeu-se ao pedido dos dirigentes do Grêmio, que solicitaram que contribuísse para uma melhor colocação do Troféu Brasil. De vinte e um e vinte e dois do corrente cedeu também de participar da Olimpíada Nacional Universitária. E assim, agora será a última competição em que toma parte em nossa cidade. O motivo de Silvio Drebes, atleta disciplinado, educado, não continuar a participar de nossos torneios é querer se dedicar exclusivamente aos estudos de medicina, nos quais também vem brilhando. Solicitou o acadêmico Drebes, que a Folha Esportiva, em seu nome, apresentasse suas despedidas aos dirigentes e aos atletas do Grêmio e as demais agremiações.”

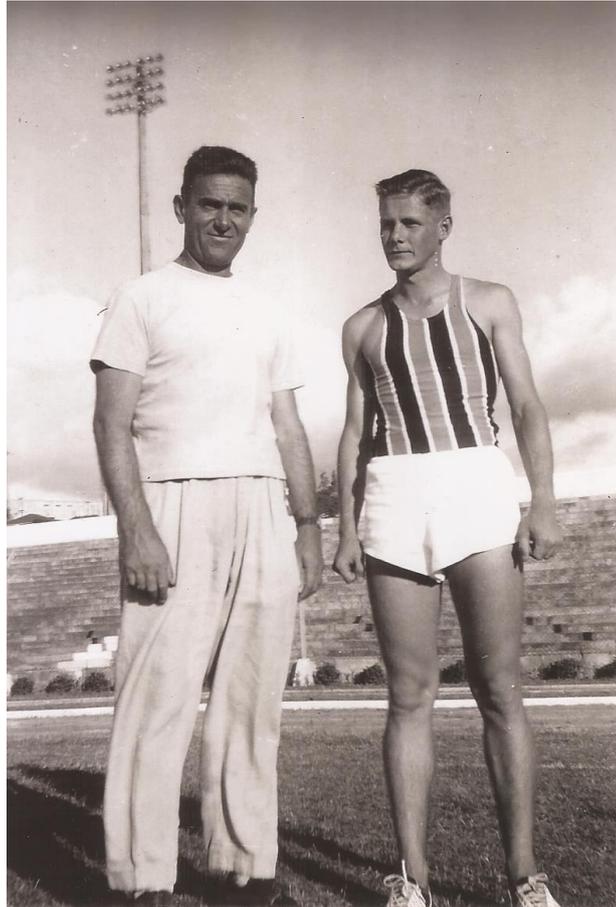
C.M. – Era da Folha da Tarde?

S.D. – Sim. Tive um acidente com o rompimento do Tendão de Aquiles da perna esquerda, isto aos sete anos. Com a disciplina dos treinos, consegui neutralizar a dificuldade decorrente da lesão e tive bons resultados, me recuperei bem. Ao longo dos anos tive muito bons resultados na minha prova de 800 metros ou nos revezamentos de 4X400 metros. O Kopitke⁴ era um atleta brilhante, praticava outra modalidade, os 100 metros rasos. Nos 800 metros eu conseguia tempos abaixo de dois minutos.

S.S. – O treinador, o Alexandre Davis, era um paizão para os atletas, além de um profundo conhecedor de técnicas de preparação física.

S.D. – Sim, ele era competente. Ele conhecia todos os esportes olímpicos: salto em altura, em distância, lançamento de dardo, disco, e outros mais. Curioso que, aproximadamente trinta anos depois, quando ele já estava idoso e com o Mal de Parkinson, ele ia ao meu consultório de pediatria e neonatologia, conversar e solicitava receitas de medicamentos especiais que lhe eram prescritas por especialistas. A cada mês, por um longo período ele vinha. Disse-me que se fosse a outro médico, lhe cobrariam a consulta ou teria que enfrentar as filas do SUS. Pessoas como ele me fazem ter vontade de escrever sobre outros pais da

minha vida. Por que os meus pais biológicos, Frederico Drebes e Olga Altman Drebes, me criaram até os dez anos, mas, depois, tive um casal de “pais” no internato em Panambi, Sr. Carlos Petzold e sua esposa Dona Elsa Petzold, isto até os dezesseis anos. Quando vim a Porto Alegre foi o Alexandre Davis quem desempenhou este papel de pai, me orientava no esporte e na vida.



À esquerda o técnico Alexandre Davis com Silvio Drebes

Lembro que quando estudava para o vestibular, ele dizia para não parar de treinar, pois isto me ajudaria a ter atenção e disciplina no estudo e a ser bem sucedido nas provas. E aconteceu. A gente sabia que fazer esporte dava uma sensação muito boa, uma sensação de bem estar, mesmo tendo feito um esforço de duas ou mais horas nos treinos diários. Veja bem, numa época em que não havia o conhecimento científico da existência de Endorfinas e Prostaglandinas, ele já intuía, já tinha este saber pela experiência. Pode ser que existisse antes, mas fui conhecer ano depois, já formado em Medicina, em 1963. O Alexandre dizia:

“Sílvia, na Roma antiga já diziam: ‘Mens sana in corpore sano.’. E ainda: “Se não podes ser o primeiro, tente ser um dos primeiros.”

S.S. – Estou pensando outro aspecto importante do esporte na tua vida, o esporte te proporcionou a oportunidade de viajar, conhecer outros lugares, não é mesmo?

S.D. – Sim. Foi uma grande oportunidade para mim. Conheci cidades como o Rio de Janeiro, Niterói, São Paulo, Belo Horizonte e até fora do Brasil, no Uruguai e na Argentina. O Clube ou a Federação de Atletismo pagava a viagem, estadia, alimentação e deslocamentos.

C.M. – O que foi mais marcante para o senhor nas viagens?

S.D. – Sem dúvidas, as competições, correndo contra o relógio, contra outros competidores desconhecidos, de outros clubes. O atletismo no Rio era promovido por grandes clubes como o Flamengo, Fluminense e outros. Também foi importante o conhecimento geral que me proporcionou. Minha noção de mundo foi ampliando, conheci outras pessoas e lugares. Em São Paulo ficávamos na Água Branca, um Centro de Esportes do Estado. E de lá íamos para os locais das competições. No Rio de Janeiro competíamos no Estádio de Atletismo Célio de Barros, que ficava ao lado do Maracanã, com arquibancada própria.

C.M. – Como eram as competições aqui no Estado?

S.D. – Havia um Calendário Anual de Competições. Começava em março e ia até novembro. Competíamos com o Sport Club Internacional, com a SOGIPA, que era forte, tinha estrutura para receber as competições, e ainda um clube de Novo Hamburgo.

C.M. – Sociedade Ginástica?

S.D. – Creio que sim. Lembro-me de alguns atletas que competiam em modalidades como: corridas, saltos à distância, saltos de altura, saltos triplos, varas, talvez um atleta de 3000 metros, mais lançador de dardos, lançador de peso, coisas assim. A nossa equipe do Grêmio era pequena, mas muito dedicada, obtinha bons resultados. O Inter depois também passou a investir. Uns eram militares, outros estudantes como eu.

S.S. – Não tinha algum patrocínio como hoje?

S.D. – Não tinha patrocínio. Ninguém recebia auxílio financeiro. Era proibido.

C.M. – Como eram os sapatos de corrida na época?

S.D. – Recebíamos do Grêmio os sapatos de corrida, eles eram diferentes dos atuais, que tem mais tecnologia. Na sola dos sapatos de corrida havia saliências, chamadas pregos, seis pregos, alguns eram mais ou menos de um centímetro e cravava no carvão das pistas atléticas. Não havia diferença na qualidade das pistas do Brasil, Argentina e Uruguai que eu percebesse. Os pais de um colega trouxeram da Europa, da Alemanha, um par de sapatos Adidas, que encomendei e paguei com minhas economias. Dependendo do estado da pista por causa do clima, eu sabia que 800 metros eram mais adequados o sapato com os pregos menores, e quando corria 400 metros usava o de pregos maiores. Cansava menos e o sapato era mais leve. Aprendi na prática. O Alexandre estabeleceu um planejamento para chegar a bons resultados. Treinar, treinar, treinar. Incluía treinos de 200, 400 metros. Treinávamos distancias maiores, com treinamento de corridas intercaladas, “tipo canadense”. Também a Federação Atlética Rio-Grandense, a FARG, representando a Confederação Brasileira de Esportes nos levou ao Uruguai para representar o Brasil. Já tendo ocorrido a minha prova de 800 metros e estando no último dia de competições, para fazer um ponto para nós ganharmos, eu corri 1500 metros, tirei o sexto lugar e fiz um ponto. Lá participei também da prova de revezamento 4 x 400, então eu corria 400 metros, 800 e 1500 metros. No Uruguai ficamos hospedados em um Clube Militar. As camas eram de lona, tipo maca, o que comprometeu nosso desempenho.

C.M. – Pelo Grêmio, o senhor teria algo mais a acrescentar?

S.D. – O Grêmio venceu o Campeonato Brasileiro Interclubes de Atletismo. Na disputa do Troféu Brasil participei das provas dos 800 metros e no dia seguinte do revezamento 4 x 400 metros. À noite nos levaram para a TV Tupi, que era situada no Morro da Urca.



Troféu Brasil nas mãos de Silvio e Kopittke

C.M. – Gostaria que o senhor falasse um pouco mais dos treinamentos.

S.D. – Não referi ainda que, nas férias, ia visitar minha família em Crissiumal. Tínhamos uma chácara para fora da cidade onde havia um mato de eucalipto. Limpei entre as árvores e fiz uma pista atlética no chão de terra para treinar. Mais ou menos 400 metros. Aprendi que um atleta não pode parar, perde o ritmo.

C.M. – O que trouxestes de do esporte para a vida acadêmica e para a clínica médica? O senhor vê alguma ligação?

S.D. – Sem dúvida. O manejo com as crianças, orientando os pais, incentivando o esporte na vida das crianças e adolescentes. Tive também a experiência de acompanhar, no consultório, muitos filhos de atletas. O Taffarel, o Guinazu, o Rodrigo Mendes, o Assis, o Ronaldinho, o Kléber, Tiago Mathias e outros. A disciplina do esporte me acompanhou pela vida pessoal, familiar, acadêmica e prática clínica.



Chegada da Prova de 800 metros em Buenos Aires

C.M. – E esta foto de que se trata?

S.D. – Foi em Buenos Aires, onde obtive o segundo lugar na competição como mostra a foto. Representávamos o Brasil, usando a camisa oficial da FARG, Federação Atlética do RGS representou a CBF – Confederação Brasileira de Esportes (a atual CBA estava vinculada CBF). Foi uma competição Brasil x Argentina. Competi na prova de 800 metros, em Buenos Aires em 1959. Quem tirou o primeiro lugar foi Arildo Júlio da Silva, pelo Brasil. Tempo do vencedor: um minuto e cinquenta e sete segundos. Cheguei meio metro depois.

C.M. – Quando o senhor deixou o atletismo?

S.D. – Foi em setembro de 1960, quando cursava o terceiro ano da Faculdade de Medicina. Como já falei, não conseguiria levar adiante os dois investimentos com sucesso. Tive que fazer uma escolha de vida. Na véspera de encerrar a minha participação no atletismo medi a minha passada numa corrida, a distância entre a ponta de um pé e a ponta do outro, para recordação. A passada em curva mediu dois metros e vinte centímetros.

C.M. – Mesmo tendo se retirado do atletismo, continuou praticando?

S.D. – Não. Parei completamente.

C.M. – Na época o atletismo tinha uma divulgação?

S.D. – Sim. Mais do que atualmente, por incrível que pareça.

C.M. – O senhor percebe alguma diferença no investimento que os clubes fazem em outros esportes que não o futebol atualmente?

S.D. – Os clubes de futebol não tem interesse em investir nos esportes amadores. O basquete regional é pouco divulgado. O vôlei, o futsal, a natação, remo e outras modalidades, não são muito divulgados. Alguns canais de televisão apresentam algumas competições em nível de Campeonatos Brasileiros e Internacionais. Lembro que o Grêmio foi Campeão Brasileiro em 1960 e foi na tevê Tupi, na Urca. Se as Federações promovessem campanhas de divulgação dos esportes em geral, mudaria o comportamento da população, a mentalidade. Acredito que as crianças começariam desde cedo a serem incentivadas, não só nas escolas particulares, mas também nas escolas públicas, municipais e estaduais ou federais a praticar esportes de competição, e teriam ganhos como: disciplina, foco, atenção concentrada e limites, além do ganho físico. Isto se incorpora para a vida toda. Esta talvez seja a mensagem além da minha história que posso deixar como contribuição.

C.M. – Na sua época como outros jovens chegavam a estes esportes?

S.D. – Sei que o Alexandre Davis buscava no Exército e nas escolas. Ele ouvia falar de alguém com alguma habilidade, como os olheiros de hoje. Alguns professores de Educação

Física davam informações. Creio que ele tinha um bom trânsito nas escolas. Eram colégios públicos e lá eles descobriram uma jovem que saltava bem distância, que saltava bem altura, e aí ele investia.

C.M. – Os seus colegas de escola e da faculdade davam importância ao esporte?

S.D. – Pouco. Alguns praticavam esportes, mas não com a intensidade e disputas como eu fazia. Percebia desdém em alguns colegas.

C.M. – O senhor chegou a participar de apresentações em outras cidades no Rio Grande do Sul?

S.D. – Sim. Eu corri em Caxias do Sul uma São Silvestre, com o grupo do Grêmio. Eu não corria para ganhar, corria por amizade ao grupo. Tinha dois ou três que iam para ganhar e para esses a gente dava o suporte.

C.M. – Sobre o Campeonato Nacional que o senhor comentou como foi à preparação? Vocês foram representando o Rio Grande do Sul ou representando o Grêmio?

S.D. – Eu tive em alguns Campeonatos Nacionais Universitários, íamos representando o Estado. Aconteceu no Rio de Janeiro, em Minas Gerais e São Paulo. A preparação para o Campeonato era diária, como eu fazia no Grêmio.

C.M. – Tem algum campeonato que foi mais marcante para o senhor?

S.D. – O mais marcante de campeonato foi o Troféu Brasil.

C.M. – E no Grêmio além do atletismo tinham outros esportes na época?

S.D. – Sim. Havia natação, basquete, talvez vôlei.

C.M. – E o que o clube oferecia?

S.D. – O Clube oferecia o local adequado de treinamento que era a pista atlética do Estádio Olímpico, treinador, vestiários e uniformes. O interesse era de quem praticava.

C.M. – Os atletas eram de famílias de baixa, média ou alta renda?

S.D. – Muitos atletas eram de baixa renda e de classe média, estudantes como eu. Lembro-me do Kopittke, do Celso Sant’Anna, do Ivo Comasseto, do Aldino Paixão Flores, do Arildo Júlio da Silva. Estes todos de corrida. Lembro-me do Izolino Tabora que lançava martelo, o Marseno Martins que fazia todas as provas do Decatlo. E havia outros atletas que compunham a equipe.

C.M. – Havia muitas mulheres praticando esportes?

S.D. – Poucas. Na revista do Grêmio mostra a atleta Íris dos Santos, que era muito dedicada e capaz. Também a Érica Lopes da Silva⁵ era fora de série. A Maria de Lourdes da Conceição⁶, a Gessy Miranda, Leda Teixeira dos Santos também eram muito boas.

C.M. – Depois de a vida acadêmica ter se completado, o senhor não encontrou espaço para o esporte?

S.D. – De fato, dos vinte e cinco aos cinquenta e cinco anos, eu trabalhei muito para me estabelecer, encontrar um espaço para exercer a Medicina e não dispunha de tempo, meu foco havia mudado. Inicialmente tentei trabalhar em Pesquisa Médica Clínica Aplicada, porém, naquela época se tornou difícil me manter nesta atividade. Como já havia me especializado em Pediatria e Neonatologia em Ribeirão Preto, na USP, acabei por fazer carreira universitária como Professor na UFRGS e investindo na clínica. Em função de sentir dor lombar, voltei a praticar exercícios físicos numa academia, anos mais tarde. Iniciei com Cross Training. Atualmente faço Ginástica Funcional com um Personal Trainer.

S.S. – Acho que foi muito importante à questão do foco, de lidar com a competição na vida do Silvio. Ele continuou sempre buscando caminhos, sempre centrado na sua escolha.

⁵ Nome sujeito a confirmação.

⁶ Nome sujeito a confirmação.

C.M. – Silvio, você teria mais alguma coisa que queira registrar?

S.D. – Não, penso que consegui passar tudo que envolveu o esporte da época que vivenciei e dar o meu recado sobre a relevância do esporte na vida.

S.S. – Vê-se tantos jovens perdidos, que não acham uma direção, com carências de toda a ordem, então incentivá-los a praticar esporte. O trabalho de incentivo da ESEF⁷, nesse sentido, será de grande valia.

C.M. – Você chegou a participar da Universidade?

S.D. – Eu participei como médico do atletismo.

C.M. – Atualmente, acredito que há muita coisa ainda a ser feita no Esporte.

Nós tivemos um trabalho com os maratonistas, com a corrida de Porto Alegre, mas do atletismo, das provas menores, sem falar de maratonas, e dos arremessos, isso a gente não fez ainda.

S.S. – Numa sociedade que tem tantos problemas como a nossa, irá fazer grande diferença um programa de incentivo.

S.D. – Lançar um programa é uma coisa boa, tu que vem lá de Goiás.

C.M. – Sim!

S.D. – E fazer um programa aqui será muito importante. Eu te digo assim, a experiência que adquiri com o Alexandre, nestes seis anos de prática de esporte foi essencial.

Hoje em dia vejo gente que não sabe nem caminhar. E chego à conclusão que um pouco menos de dez por cento das pessoas tiveram problemas de nascimento, tiveram alteração de coluna, pernas... Os problemas eram maiores no tempo da paralisia infantil, que agora não

⁷ Escola Superior de Educação Física.

tem mais. Mas vejo pessoas com pé torto congênito, gente que tem joelhos tortos, pernas tortas, como eu tinha, foi o esporte que me corrigiu. As pessoas podem se beneficiar se fossem fazer um esporte e caminhar, caminhar, caminhar.

C.M. – Agradeço pela colaboração, pela entrevista e pela doação que se fará na cerimônia que vamos organizar.

[FINAL DA ENTREVISTA]